



A APLICAÇÃO DAS AULAS DE CAMPO NO ENSINO DE ECOLOGIA: O OLHAR DOS PROFESSORES DE GRADUAÇÃO

Daniela de Vasconcelos Brito

Isabela Santos Correia; Myrna Friederichs Landim; Tatiane Santos Silva

Universidade Federal de Sergipe, Cidade Univrsitária Prof. José Aloísio de Campos. Avenida Marechal Rondon, S/N - Cep 49.100 - 000 - São Cristovão - SE - Brasil. dani_vbrito@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A aula de campo é um recurso didático muito eficiente para o ensino de Ecologia, uma vez que são mais envolventes e motivadoras que as aulas tradicionais, além de auxiliarem na aprendizagem dos conhecimentos científicos, à medida que possibilitam uma visão complexa dos fenômenos naturais (SENICIATO e CAVASSAN, 2004). Suas contribuições também são positivas aos professores, que se sentem mais estimulados a desenvolverem atividades interdisciplinares e vêem uma possibilidade de inovação para seu trabalho (PRIEVE e LISOVSKI, 2010). Em particular, os discentes têm um importante papel para que as aulas práticas aconteçam, visto que ele é o responsável pela metodologia de ensino da disciplina. Assim, para o bom andamento da prática de campo, é necessária a preparação da metodologia, com atividades claramente propostas e objetivas; a logística, com reconhecimento do local e organização do transporte; e planejamento dos gastos financeiros (VIVEIRO e DINIZ, 2009; ALMEIDA e SILVA, 2010).

OBJETIVOS

O presente artigo visa contribuir para a melhoria do ensino de Ecologia, através da análise da utilização, por professores de graduação, de aulas de campo em ambientes naturais como recurso didático.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram entrevistados três professores da Universidade Federal de Sergipe, da modalidade presencial de ensino. Esses docentes foram selecionados por ministrarem as disciplinas da área de Ecologia, ofertadas pelos Departamentos de Biologia e de Ecologia, nos períodos de 2010/1 e 2010/2.

Os professores foram entrevistados na instituição, após um contato prévio sobre sua disponibilidade e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado obedecendo - se as normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. As falas dos entrevistados foram registradas com gravador de voz e transcritas para análise. Para que fossem resguardadas as identidades dos docentes, utilizaremos a denominação P1, P2 e P3 para designar os entrevistados.

RESULTADOS

Em relação à importância da aula de campo para a formação acadêmica e profissional do aluno, todos os professores afirmaram que esse tipo de atividade é importante para os estudantes contextualizarem o assunto. Esse fato pode ser observado no estudo de Bento (2009), no qual os discentes relataram que a aula de campo os auxiliaram a relacionar a teoria com a prática. Sobre a relevância das aulas de campo para os estudantes de Biologia e Ecologia em comparação aos demais cursos (Agronomia, Zootecnia, dentre outros), P1 e P3 afirmaram que elas são mais relevantes aos outros cursos, pois nesse caso os conceitos ecológicos abordados ao longo de todo o curso estão restritos a uma disci-

plina. Já P2 afirmou não haver diferença, uma vez que tais atividades permitem ao aluno obter conhecimento da realidade local e de vivência prática de campo.

É interessante ressaltar que todos os professores afirmaram realizarem aula de campo nas disciplinas de Ecologia que lecionaram. Além disso, também afirmaram terem tido esse tipo de atividade na sua graduação: “as aulas de campo contribuíram muito na minha formação, para estimular o desejo de trabalhar na área e, consequentemente, como professor (a), para tentar garantir que os alunos também possam ter essas oportunidades” (P2).

Os entrevistados P1 e P2 afirmaram que a maior dificuldade para realizar aulas de campo foi o número de alunos, que tanto dificultava a obtenção de transporte como a coincidência de horários. P3 afirmou que as maiores dificuldades são a falta de equipamentos e de segurança.

Segundo os entrevistados, o *campus* tem estrutura que permite a realização de aulas de campo, como aponta P1 “o *campus* (...) é cercado por restinga, florestas, dunas, animais silvestres”, para P2 o “*campus* apresenta áreas remanescentes de vegetação nativa que tem uma fauna e flora característica”. P3 ressaltou a questão da antropização do *campus*, além da possibilidade de realizar trabalhos em ecofisiologia, levantamento botânico e zoológico.

Com relação aos ecossistemas mais visitados, é comum aos entrevistados a realização de aulas em áreas de manguezal, restinga e mata atlântica, principalmente por serem esses ambientes mais acessíveis. Somente P3 afirmou visitar a caatinga em aulas de campo, apesar de fazê-lo esporadicamente. Este entrevistado também afirmou que seus critérios de escolha incluem locais de fácil acesso, seguros e de relevância científico-econômica.

Quanto à utilização de Unidades de Conservação para realizar aulas de campo, P1 e P3 geralmente utilizam o Parque Nacional Serra de Itabaiana. P2 costuma utilizar a APA do Litoral Sul, APA do Litoral Norte, Reserva Biológica Santa Isabel, Serra de Itabaiana, Floresta Nacional do Ibura, APA Morro do Urubu, além do entorno do Parque Tamanday.

Para P1, as vantagens de visitar Unidades de Conservação é que estas incentivam os estudantes a desenvolverem pesquisas no Estado. Para P2 e P3 a vantagem está em ser um ambiente fechado, protegido e de fácil acesso. Vale ressaltar que nenhum entrevistado apresentou desvantagens em utilizar Unidades de Conservação para atividades de campo. Trabalhos como os de Seniciato e Cavassan (2004), por exemplo, apontam para a eficácia de aulas de campo em Unidades de Conservação nas questões referentes à educação ambiental. Visando a melhoria do ensino de Ecologia na UFS, P1 sugeriu a criação de um laboratório de estudo de Ecolo-

gia além da disponibilização de um carro exclusivo para o Departamento de Biologia. Também foi sugerida a redação de um livro de práticas em Ecologia, adaptado a realidade da universidade. P2 sugeriu um planejamento conjunto entre os professores e maior compreensão da universidade quanto à importância das aulas de campo. Por fim, P3 sugeriu a existência de uma biblioteca com materiais específicos para os ecossistemas sergipanos.

CONCLUSÃO

Todos os entrevistados afirmaram usarem aulas de campo nas disciplinas que lecionam. Esse recurso didático é visto de forma positiva por esses professores, pois é uma atividade muito importante na aprendizagem dos alunos.

Para as aulas de campo os entrevistados utilizam diferentes ecossistemas, algumas Unidades de Conservação e o próprio *campus* da UFS. Porém, existem algumas dificuldades que precisam ser transpostas para que essas atividades sejam aplicadas de forma satisfatória. Uma aula de campo bem estruturada, com planejamento, metodologia adequada à realidade do aluno e bom aproveitamento do ambiente visitado, faz com que essa atividade se torne um importante instrumento de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. R.; SILVA, M. S. V. Uma abordagem reflexiva sobre a realização do trabalho prático de campo como instrumento da construção do conhecimento. II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia, artigo número 199. Paraná, 2010.
- BENTO, Lilian C. M. O uso da fotografia: do campo para a sala de aula uma reflexão a partir da visão dos discentes e docentes do curso de geografia da universidade federal de Uberlândia/MG. Revista Eletrônica de Educação, v. 3, n. 2, nov. 2009.
- PRIEVE, P. E.; LISOVSKI, L. A. Uso do Parque municipal Miguel Pereira pelos professores de Ciências e Biologia de Roncador. Cadernos da Pedagogia, ano 4 v. 4 n. 7, p. 111-124, 2010.
- SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências um estudo com alunos do ensino fundamental. Ciência & Educação, v. 10, n. 1, p. 133 - 147. 2004.
- VIVEIRO, A. A.; DINIZ, R. E. S. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. Ciência em Tela, v.2, n.1, p.1 - 12. 2009.